

PROLOGO

Não é comum às pessoas valorizarem a crença no destino, mas vez por outra, quando menos se espera eis que fatos incríveis acontecem e, nesses momentos é que ficam dúvidas sobre a subjetividade do destino.

Foi assim com o Engo agrônomo MIGUEL ÂNGELO quando parou seu carro no acostamento da estrada para atender aquele motorista do ônibus com defeito, ele jamais imaginou que aquele momento seria o inicio de uma mudança radical em sua vida com a chegada das gêmeas eidéticas, IVETE e IVONE.

Embora se aplique conceitos científicos para discernir, psicologicamente e religiosamente a personalidade dos personagens, esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com pessoas vivas e mortas, bem como fatos e nomes é mera coincidência.

CAPÍTULO UM

“Não é comum às pessoas valorizarem a crença no destino, mas vez por outra, quando menos esperam eis que fatos incríveis ocorrem e, nesses momentos é que ficam dúvidas sobre a subjetividade do destino”.

Nesta obra os personagens centrais são Ivete, Ivone; gêmeas, que nasceram com o destino traçado, MIGUEL ÂNGELO NASTASSI e sua esposa, CLEUZA GARCEZ NASTASSI; casal sem filhos, Miguel trabalha como representante técnico da empresa AGRICULTURAL CHEMICALS PRODUCTS S.A. o que exige dele viagens constantes, e foi numa dessas viagens onde se iniciou a transformação radical em sua vida; CLEUZA é professora universitária e vive em função do magistério.

Todo começou em 16 de dezembro de 1995, na BR-116 trajeto entre Caratinga e Governador Valadares próximo à cidadezinha de Inhapim no Estado de Minas Gerais.

Era tardinha, chovia muito, MIGUEL ÂNGELO dirigia com muito cuidado seu automóvel Volkswagen Santana, que hidro planava perigosamente, em função do excesso de água que decrescia a aderência dos pneus sobre a pista.

Repentinamente, no meio da névoa de água, ele se deparou com um ônibus trafegando lentamente, com as luzes de emergência piscando, lhe forçando a frear o carro bruscamente, quase derrapando. Durante 20 minutos o automóvel trafegou comboiando o coletivo até quando as luzes de emergência do ônibus foram desligadas e o sinaleiro de mão de direção começou a piscar para a direita. O coletivo foi parado no acostamento e o motorista sinalizou pedindo ajuda. Continuava a chover forte, mesmo assim MIGUEL ÂNGELO parou a frente do ônibus, pegou o guarda-chuva e se encaminhou até ao coletivo, cuja porta já estava aberta a sua espera. Sobre o degrau estava um homem alto de meia idade com um sorriso tímido a dizer: “Desculpe incomodá-lo, mas meu ônibus está com problemas de freio e embora tenha tentado não foi possível chegar à cidade próxima – Inhapim, o doutor a conhece...”. Não, eu não conheço, em que posso ajudar? Perguntou MIGUEL ÂNGELO ao mesmo tempo em que observava os ares preocupados dos passageiros, ali sentados à mercê dos acontecimentos. E me chamo PEDRO, (continuou o homem) e seria de bom grado se o doutor fizesse o favor de telefonar para este número aqui; é o número de emergência da empresa de ônibus. Talvez não precise ir até Inhapim; tentarei daqui mesmo. Disse MIGUEL ÂNGELO, logo em seguida se afastando para buscar seu telefone móvel no carro. Como? Indagou o motorista do ônibus. Por meu telefone celular, aguarde um pouco, vou apanhá-lo

no carro. Enquanto caminhava até ao automóvel aumentava o susto de MIGUEL ÂNGELO com os estrondos dos trovões e clarões dos relâmpagos ao mesmo tempo em que gritava: “Que loucura...”. Ao ficar ante ao automóvel ficou surpreso, pois esquecera o vidro abaixado e o estofamento do banco do motorista estava completamente molhado. “Que merda...” gritou com irritação. Que remédio! Falou em voz alta enquanto fechava o vidro. Com o telefone celular na mão retornou ao ônibus, mas quando ativou o painel luminoso do aparelho se deu conta que não havia sinal naquele local. Que droga! Bradou enquanto era observado por aquela gente simplória que, na maioria, não conhecia o telefone celular. Algum problema doutor? Perguntou o motorista. É meu amigo, nada feito, pois isso não funciona aqui; o negócio é ir até Inhapim mesmo. Passe-me novamente o número do telefone. O motorista do coletivo, homem de meia idade, pegou um cartão de visitas ao mesmo tempo em que disse: “Que trabalhadeira doutor, DEUS há de ajuda-lo por ajudar todos nos...”. Ora, seu Pedro isso não é nada e nosso DEUS ajudará a todos nos, adeus e boa sorte. Replicou MIGUEL ÂNGELO. Mas quando começava descer do ônibus ele escutou uma voz feminina vinda de um dos assentos de trás a dizer: “*Ô meu jovem tu não podes me dar uma carona até Inhapim...*”. A essa altura os passageiros do ônibus olharam para a senhora aparentando mais ou menos 65 anos, muito elegante e vistosa contrastando com os demais ocupantes do coletivo.

Se for só a senhora está bem, pois o banco de trás do meu carro está repleto de folhetos e livros técnicos. Disse MIGUEL ÂNGELO. Sim; sou só eu... Podes? Questionou sorrindo falante senhora. Sim; claro, podemos ir agora. Disse MIGUEL ao mesmo tempo em que oferecia a mão direita.

Continuava chovendo forte e, com muita dificuldade o casal conseguiu chegar próximo ao automóvel. MIGUEL ÂNGELO cavalheirescamente abriu a porta e convidou a vistosa senhora a entrar ao mesmo tempo em que se encaminhava para o lado do motorista ouvia a idosa senhora dizer: “*Oh meu DEUS, seu banco está completamente encharcado...*”. Espere um pouco, tenho aqui na bolsa um pedaço de plástico; e uma toalhinha - vou forrá-los para você. Comentou enquanto abria uma das bolsas. Muito obrigado, a senhora é muito gentil. Qual é mesmo seu nome? Indagou. Meu nome é NOÊMIA e o seu? Respondeu e perguntou. O meu é MIGUEL ÂNGELO. Que belo, é um nome de pintor famoso! Ah então a Senhora entende de pintura? Meu prenome como falei, é NOÊMIA e o sobrenome é NADES meu finado pai sempre fez questão de tornar os filhos em pessoas cultas, mesmo neste fim de mundo chamado Inhapim. É... Dona NOÊMIA, pelo jeito como você fala de seu pai ele deve ter sido uma pessoa muito adorada pela senhora. É e nem poderia ser diferente, pois éramos em 04 mulheres e dois homens e nosso pai nunca destacou qualquer um de nós, sempre gostou de

todos com a mesma intensidade. Que bom não!
Disse MIGUEL.

A chuva forte continuava, à preocupação era constante, agora não só de MIGUEL ÂNGELO, mas Da. NOÊMIA também. Enquanto isso MIGUEL ÂNGELO ansiava a chegar o mais rápido possível a um telefone, pois se preocupava com as demais pessoas que ficaram no ônibus. Todos dependiam dele até então. A Senhora conhece bem por aqui dona NOÊMIA? Sim meu filho eu conheço e posso garantir que já estamos bem perto, fique tranquilo, DEUS está conosco! Depois da resposta, MIGUEL ÂNGELO parou de falar e em silencio aumentou a atenção para a pista ao mesmo tempo em que escutava o barulho dos pneus singrando as águas. A ansiedade era grande bem como ânsia de chegar logo a Inhapim. Olha lá meu filho, são as luzes de Inhapim! Enquanto falava, dona Noêmia apontava o clarão com entusiasmo. É mesmo Da. NOÊMIA, até que enfim, tão perto, mas parece tão longe. A senhora sabe que tenho 38 anos e não me lembro de ter passado um aperto tão grande! É meu filho tudo tem a sua hora, imagino que foi tão ruim para você como para mim, mas temos o lado bom e o meu é ter conhecido uma pessoa como você, pois quem sabe não faz parte do destino, afinal tive mais sorte do que os que ficaram no ônibus. Ao mesmo tempo em que falava Da NOÊMIA, punha a mão esquerda sobre o ombro direito de MIGUEL ÂNGELO. Eu também não posso falar, ao contrário, neste pequeno longo trajeto a senhora me deu muita

força. Bem aqui estamos agora vamos tentar localizar um telefone. Onde deixo à senhora? Não precisa procurar telefone meu filho, eu moro num sítio aqui perto e lá tem telefone, você pode usá-lo o quanto quiser. Bem então vamos! Replicou MIGUEL ÂNGELO.

Já era noite, a praça central e os arredores da igreja estavam desertos, fato incomum numa cidade do interior em um sábado à noite, justificado pelas fortes chuvas. Após rodar cerca de dois quilômetros de estrada de terra, finalmente o portal majestoso do sítio da dona NOÊMIA ficou a vista. Duas colunas de madeira aroeira ambas com o nome gravado em relevo "SITIO ORPHEU" se destacava. É MIGUEL ÂNGELO, aqui estamos eis meu habitar.

O automóvel foi parado a frente do portal muito bem trabalhado e iluminado com lâmpadas de mercúrio e o nome em relevo pintado em azul com tinta fosforescente. Que lindo Da. NOÊMIA, a senhora está de parabéns; pelo menos pela impressão da entrada, mesmo a noite é assim, imagine de dia! “É uma obra de arte...” Completou MIGUEL ÂNGELO, deslumbrado. Mas quem disse que você não verá o resto de dia, pois você está convidado a pernoitar aqui. Afinal não o deixarei viajar com esta tormenta. Disse Da. NOÊMIA. Não senhora, isso não será necessário, não quero dar-lhe esse trabalho, afinal tenho um apartamento reservado no HOTEL GOVERNADOR PALACE em Governador Valadares a esperar-me e, pelo que sei

daqui para lá não é tão distante assim. Disse MIGUEL ÂNGELO ainda meio sem jeito. Não e não, está chovendo muito e eu não permitirei, basta telefonar para lá avisando que você chegará amanhã. Não é bom abusar da sorte, principalmente quando tenho certeza de que seu destino é pernoitar aqui. (Enquanto conversavam alguém, desconfiado olhava pelas grades do portão, até Da Noêmia pedir que abrisse o vidro do carro). Está bem. Concordou MIGUEL ÂNGELO enquanto apertava o botão no console. Pode abrir MANOEL sou eu a NOÊMIA! Desculpe pelo vacilo Da NOÊMIA, mas não conheço este carro! Era um dos serviçais, um homem moreno de média estatura, cabelos pretos encaracolados com mais ou menos 50 anos e muito simplório, pelo jeito muito dedicado a dona NOÊMIA. O portão foi aberto e, MIGUEL ÂNGELO conduziu o automóvel vagorosamente até a frente do casarão pintado de branco e faixas em tom azul colonial - 04 cães de raça pastora alemão começaram a latir forte estranhando o visitante e seu automóvel.

Repentinamente abriu-se a porta principal do casarão e de lá saíram correndo dois meninos com mais ou menos 13 e 14 anos e logo a seguir uma senhora de cor escura trajando uniforme azul e por último, duas jovens de rara beleza e incrível semelhança. Vovó... Vovó... Vovó... Graças a DEUS que a senhora chegou; estávamos muito preocupados com esta chuvarada toda, principalmente pelo fato de que a senhora não

costuma viajar de ônibus. Quem é ele? Indagaram em coro ao mesmo tempo em que fitavam o homem dos pés a cabeça - os olhos brilhavam intensamente. É o gentil cavalheiro que ajudou vossa vovó. Chama-se MIGUEL ÂNGELO. Ele será nosso convidado esta noite. Disse Da NOÊMIA ao mesmo tempo em que acariciava os cabelos dos netos e dizia: *“Bem, meu jovem nós estamos aqui, fique a vontade, feche o carro e venha telefonar, afinal aquelas pessoas do ônibus já devem estar desesperadas - o telefone é ali na sala de estar, fique a vontade...”*. IVONE mostra para ele. Ordenou a uma das jovens. IVONE, uma das gêmeas, que logo tomou MIGUEL ÂNGELO por uma das mãos e o guiou até a banqueta onde estava o aparelho telefônico. Ante a banqueta onde estava o telefone, a jovem fitou profundamente MIGUEL ÂNGELO nos olhos, apertou mais forte sua mão ao mesmo tempo em que ele sentiu o corpo dela tremer. Muito obrigado você é muito gentil! Respondeu. De nada, você merece e foi tão bom com a vovó. Enquanto falava isso a jovem mulher observava o homem dos pés à cabeça o deixando encabulado deveras.

Já ao lado da banqueta tomou o cartão que o motorista do ônibus lhe passara e iniciou a discagem. Do outro lado da linha uma voz masculina de tom grave atendeu: alo Expresso BAHIA-MINAS, quem fala? Aqui fala MIGUEL ÂNGELO de parte de um dos seus motoristas, o PEDRO que está com ônibus enguiçado e 20 km de Inhapim, chove muito e ônibus está lotado de adultos, velhos

e crianças; por favor, mandem socorro depressa. Está bem senhor já estamos providenciando o socorro. Muito obrigado! Respondeu o homem. Bem IVONE, missão cumprida. Agora me vou. Como se vai? Não senhor, minha vovó falou que você é nosso hospede e será... Vovó o MIGUEL ÂNGELO quer ir embora. Escutando os gritos de IVONE DAS DORES aproximou-se correndo e no seu papel de governanta da casa comentou que Da. NOÊMIA estava no banheiro, mas que a ordenara providenciar um dos quartos de hospedes para MIGUEL ÂNGELO. Sr. MIGUEL posso ajudá-lo com a bagagem? Perguntou DAS DORES, uma senhora de pele morena escura, trajando uniforme azul claro de linho e muito bem limpo e passado. Bem gente eu não queria dar trabalho, mas já que insistem terei prazer em pernoitar aqui. Respondeu timidamente MIGUEL ANGELO. E nós também teremos muito prazer! Responderam as gêmeas enquanto lhe jogavam beijos. Acompanhado por DAS DORES MIGUEL ÂNGELO se dirigiu ao automóvel, ainda chovia muito, e de posse de dois guarda-chuvas coletaram a bagagem e depois de apanhar a bagagem no carro foi guiado gentilmente até um dos quartos de hóspedes para o qual fui designado enquanto a serviçal lhe informava que havia três banheiros, todos nos corredores.

Era um quarto grande, mais ou menos 20 m², mobiliado com uma cama de casal, uma estante, duas mesinhas de cabeceira, a cama forrada com lençóis brancos e os travesseiros também com